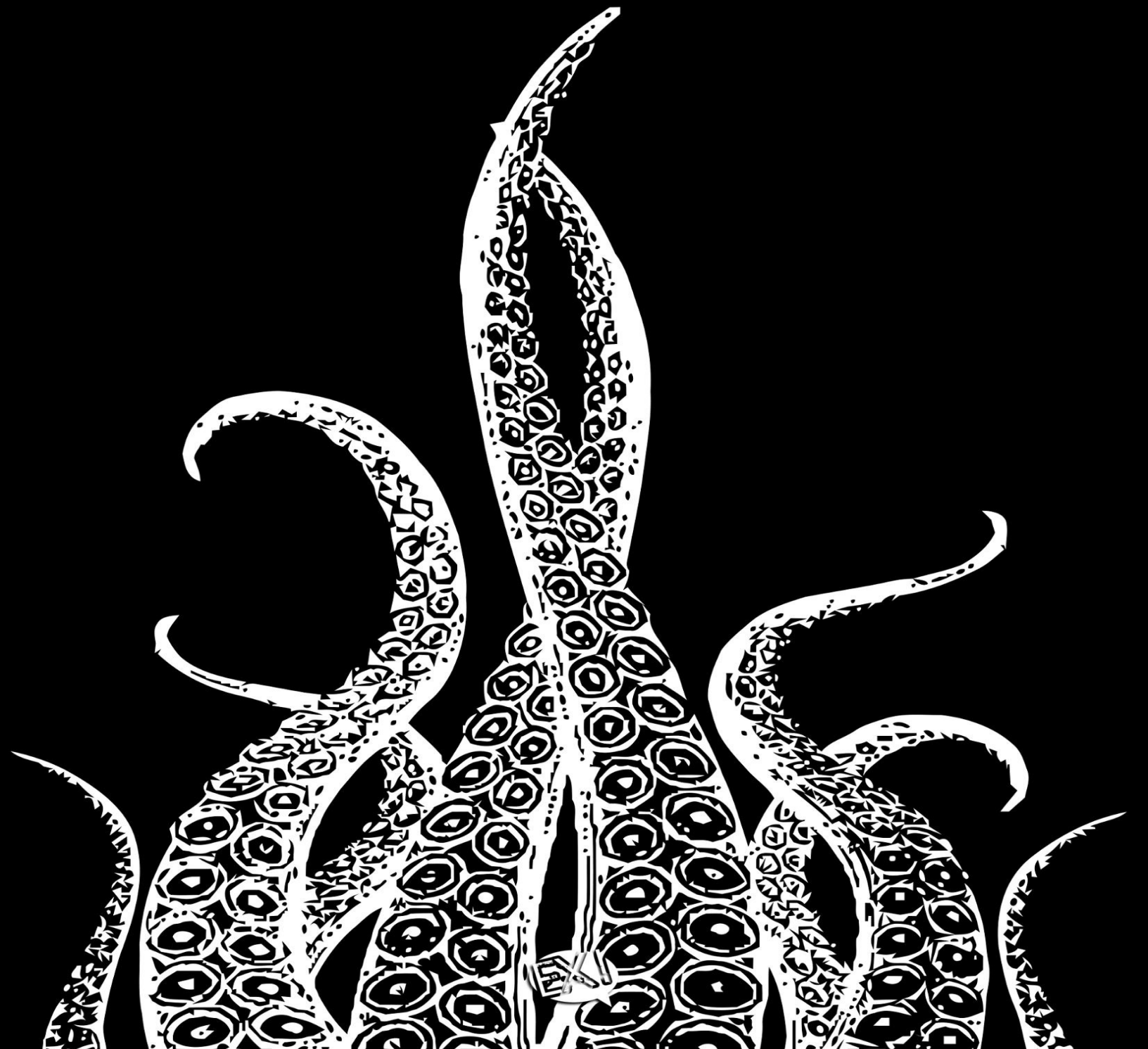
ALEC SILVA

SUBVERSÃO

PARACOSMOS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

ALEC SILVA

SUBVERSÃO

PARACOSMOS

Alec Silva
autor de:
A Guerra dos Criativos
Anamélia
O Cubo das Eras

- Paracosmos - Subversão

1ª Edição
EX! Editora
2017

Copyright © Alec Silva, 2016

Capa e diagramação
Samuel Cardeal

Revisão
Alec Silva

Edição
EX! Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP:

●

Si586s Alec Silva, 1991-
Subversão / Alec Silva – Luis Eduardo Magalhães, BA: EX! Editora/2017

1. Contos Brasileiros 2. Horror I. Título

CDD B869.3
CDU 821.134.3

●

Todos os direitos reservados.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia do autor.

Lovecraft, filmes, Guerra dos Criativos, traumas e psicopatias

Quando alguns leitores concluíram a leitura de *A Guerra dos Criativos*, meu romance de fantasia e elementos de autobiografia, perguntaram-me se eu tinha planos de escrever outras histórias sobre os Criativos ou o mundo onde eles vivem suas aventuras. De início, não acreditei que haveria mais o que ser apresentado sobre crianças e adolescentes (e alguns raros adultos) com poder criativo, afinal a história da obra se passa praticamente no desfecho de uma longa jornada. Mas não demorou muito, contudo, e eu estava com o Lordeverso em construção, ampliando os conceitos de uma história escrita por mera diversão. Nascia a agora trilogia *Mundos em Conflito*, sendo introduzida pelo romance *Colisão*; ali conhecemos um vislumbre da possibilidade de os dons dos Criativos serem aplicados no mundo físico.

Um dia, estudando para um projeto avulso, conheci mais sobre a psicopatia. Entre as dezenas de casos, os que me chamaram muito a atenção envolviam crianças. Não como vítimas, e sim como algozes. Eu era apresentado ao transtorno de conduta, que, segundo o Dr. Gustavo Teixeira, “é um conjunto de problemas emocionais e comportamentais apresentados por algumas crianças e adolescentes em que há um padrão repetitivo e persistente de conduta agressiva, desafiadora, antissocial, onde os direitos básicos alheios, regras e normais sociais são violados”. A possibilidade, portanto, de uma criança com transtorno de conduta se tornar um psicopata, quando adulto, é relativamente alta. E o mais revelador — e chocante — sobre o assunto era como tal comportamento poderia surgir: da violência, seja verbal, física, sexual...

Em outras palavras, trata-se de um ciclo de vítimas vitimando vítimas.

Então, ocorreu-me a ideia que moldaria o que denominei *Paracosmos*: e se essas crianças e adolescentes, que sofreram todo tipo de violência — e aqui deixo que a imaginação de cada um exemplifique, tomando como base os noticiários ou quaisquer fontes possíveis —, pudessem revidar? Outras obras já haviam explorado à exaustão crianças e adolescentes com transtorno de conduta, integrantes de cultos a entidades do milharal, caçadores de adultos, dotados de poderes psíquicos...

Enfim, não seria novidade alguma, então, o que eu pretendia fazer.

Continuei porque não queria forçar tramas com os Criativos — a trilogia

Mundos em Conflito só nasceu porque realmente havia uma trama consistente — e tinha uma ideia poderosa em mãos: ao menos tempo que abordaria a violência sofrida por crianças e adolescentes, exploraria mais da mitologia envolvendo Criativos no mundo físico. Parte de como o dom de criar é permitido e quais limitações está presente na noveleta a seguir, portanto não explicarei muito para não estragar o prazer da leitura nem me tornar pedante. Acredito que consegui estabelecer material agradável tanto para quem já leu *A Guerra dos Criativos* quanto para quem não leu — e espero que desperte o interesse no romance também.

Sobre *Subversão*, como é o esperado num prefácio, devo algumas explicações acerca de suas origens.

É uma história com alguns bons meses de construção, tempo este dedicado a leitura de alguns trabalhos do escritor de horror cósmico H. P. Lovecraft (1890 – 1937). Meu primeiro contato com sua obra vem de mais de uma década atrás, quando li, por mero acaso, *O Caso de Charles Dexter Ward* num único fôlego (cinco horas ou menos, creio eu). Anos depois, li contos em alguns *sites*, até chegar ao livro editado pela Clock Tower, *O mundo fantástico de H. P. Lovecraft*, já em sua segunda edição. Reli alguns contos, li outros que não conhecia, e ampliei a leitura conforme permitido. Descobri uma adaptação em quadrinhos de três histórias de Lovecraft, adquiri *O Rei de Amarelo*, de Robert W. Chambers (1865 – 1933), e *O Mundo Sombrio – Histórias dos Mitos de Cthulhu*, de Robert E. Howard (1906 – 1936). Por fim, assisti grande parte de filmes baseados ou inspirados nos trabalhos de Lovecraft, tanto antes quanto durante a escrita de minha história.

Apesar da longa pesquisa, minha intenção não era copiar ou seguir o caminho de Lovecraft e seus admiradores. Daí o título da noveleta ser *Subversão*. Possui um significado mais amplo, dentro do que os dois protagonistas vivem e são, mas é também um aviso: não espere um conto de horror; o que criei e apresento aqui é uma fantasia urbana sombria, com alguns elementos de horror cósmico, em cima do que estabeleci para o Lordeverso. Eu adoro a metalinguagem e a brincadeira ao redor da frase “a vida imita a arte”, e ainda em *Colisão* abro o questionamento sobre estarmos vivendo em um universo holográfico (e outros autores de ficção já trabalharam isto também, então nem é novidade).

Em momento algum, todavia, deturpo as criações de Lovecraft. O trabalho dele continua intacto, como deveria estar, mas eu o torno um paracósmico importante, alguém que vislumbrou mundos tidos como impossíveis, criaturas que o atormentaram em pesadelos e possibilidades sombrias para a humanidade,

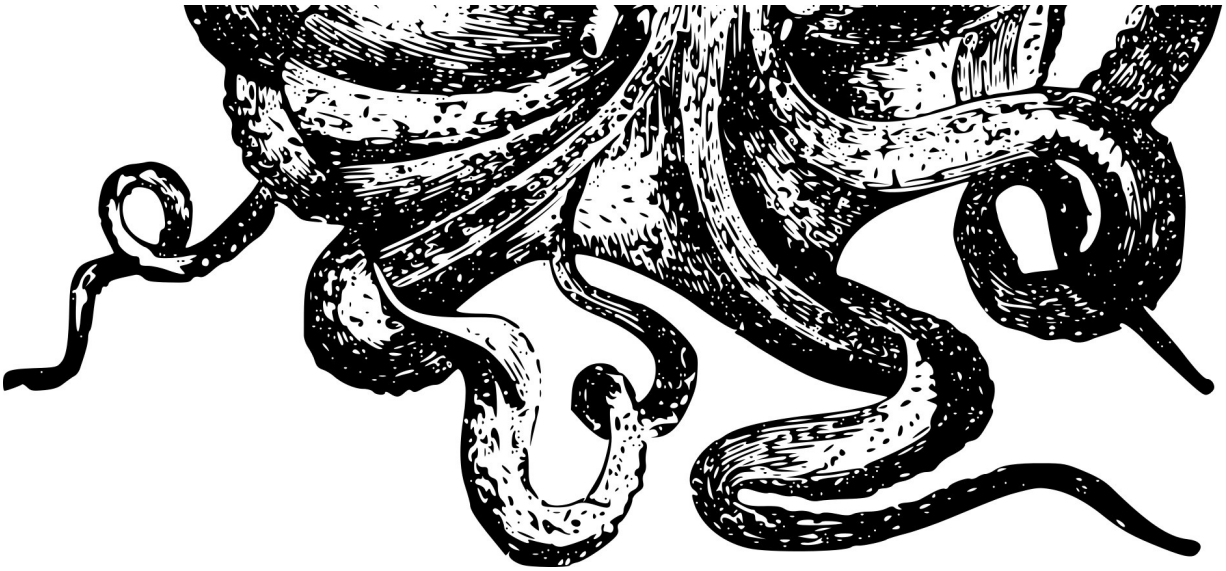
transformando tudo isso em ficção. A influência lovecraftiana está presente no Lordeverso, em especial nos contos de horror envolvendo a Deusa-Verme e seu séquito rastejante, então *Subversão* presta uma singela homenagem a um dos maiores escritores de horror e subverte alguns elementos, como a entidade que uma criança tenta invocar.

Por fim, agradeço imensamente a cada um que apoiou esta noveleta, sugerindo filmes, livros, *sites* (que foram muito úteis para eu ter mais detalhes sobre as criações de Lovecraft) e pessoas que poderia oferecer suporte, opinando em trechos específicos e cobrando o término da história. E peço desculpas a quem se sentir, de alguma forma, ofendido pelo que escrevi, mas não me arrependo, nem por um segundo, de qualquer rumo dado ao texto. Advirto que algumas passagens podem ser pesadas, afinal estamos falando de uma trama com adolescentes com capacidades mentais extraordinárias, criaturas cósmicas e loucura.

A quem sobreviveu a este longo prefácio, peço que vire a página e siga por conta e risco neste fantasia sombria e lovecraftiana sobre traumas, loucura e escolhas mortais.

Alec Silva

"You know too well that minds like yours
Can never rest in peace"
Lovecraft's Death, Septicflesh



I

— Amigos imaginários são entidades poderosas — disse o garoto, olhando o sangue e as tripas espalhados por todas as paredes, chão e teto da sala. — Basicamente, três coisas devem ser mencionadas sobre eles: nascem quando uma criança tem uma emoção muito intensa; pode ser raiva, alegria, medo... e essa emoção molda a criatura e seu modo de agir. Uma vez que a personalidade do amigo imaginário esteja definida, ele passa a agir sob a emoção despertada; independente se o que o alimenta é ódio, medo ou alegria, vai buscar meios de provocar isso no criador, tomando cuidado para não feri-lo, afinal é um tipo de parasita, querendo ou não. E um amigo imaginário deve morrer quando seu criador completar dezoito anos, mesmo que ambos já não tenham mais nenhum contato, que costuma ser perdido entre dez e doze anos.

Ele passou os olhos pela estante de livros; sorriu ao ver pedaços de cérebros e pele sobre os quatro ou cinco volumes grossos de *Crônicas de Gelo e Fogo*. “Doce ironia”, foi o pensamento que lhe surgiu como um deboche.

— O que acontece... se ele não morrer? — perguntou a jovem que o acompanhava, resistindo bravamente à ânsia de vômito.

— A entidade se liberta completamente do vínculo e pode ou tentar se apossar do corpo do criador ou se tornar físico, algo severamente proibido, segundo diz a Agência. Lembro de um caso assim nos relatórios de integração, os quais você também deve ter tido acesso, não?

— Sim, eu li, mas é tudo muito recente para mim... meio complicado decorar tantas datas e acontecimentos.

O garoto aproximou-se da prateleira, olhando os livros ensanguentados, sem tocar em nenhum deles.

— Os pais do menino eram leitores assíduos de romances policiais, horror cósmico, fantasia épica... — dizia, percorrendo os olhos azulados de lombada a outra, sem demonstrar interesse em nenhum título em particular.

— O histórico afirma que a mãe sofria de insônia e lia bastante mesmo, era uma forma de controlar a ansiedade e depressão. Afirmava ouvir vozes e ver "coisas estranhas" se movendo pela casa após acordar de um pesadelo; achava mais seguro não dormir.

— E o pai era alcoólatra, mas vinha se tratando há alguns meses. Abusos sexuais deixam marcas profundas nas pessoas, não é mesmo?

Ele não precisava fitar a garota para saber como aquelas palavras a atingiram como um toque áspero e repugnante. Havia lido minunciosamente a ficha psicológica dela, assim como da maioria dos recrutas que treinava semanalmente — punição por agir ao seu modo em missões anteriores; e acabava se divertindo com o que deveria ser apenas um castigo. Quase todos os agentes treinados eram semelhantes aos monstros que caçavam: crianças e adolescentes marcados, poderosos demais para ficarem soltos sem um controle rígido.

— Dois paracósmicos juntos, casados, constituindo uma família? Isso é possível? — perguntou ela, suportando a sensação ruim que sentia.

— No caso deles, parece que houve algum sucesso. Ela era uma paracósmica de um grau alto, por sinal, mas dormente há anos. Ele era de uma escala bem inferior, sem importância alguma. Os dois se encontraram e se apaixonaram ao acaso, tiveram um filho com poder latente... e o entupiram com isto.

Tudo se encaixava na mente do rapaz, que apenas naquele momento tocava algo da cena do crime.

— Precisamos encontrar o moleque o quanto antes! — exclamou, agarrando o enorme volume de capa dura e saindo da sala com urgência. — Eu sei o que ele vai tentar fazer!

— E o que ele vai fazer? — perguntou ela, quase gritando, enquanto o seguia.

— Invocar um personagem literário! O idiota *tá* se achando o Lovecraft!

A casa em que estavam era situada num bairro nobre da cidade, o que resultaria em manchetes por um bom tempo, alimentando sensacionalistas e curiosos, gerando todo um processo midiático que a Agência gastaria milhões de dólares de investidores secretos para desviar da verdadeira trilha. O que subornos não compravam, ilusões hipnóticas massivas, plantadas em sonhos ou em mentiras poderosas e detalhadas ocultavam para sempre; o mundo não estava preparado para os véus medonhos existentes sob uma realidade de aparência tão

segura e estável.

Do lado de fora, quadrigêmeos se esforçavam para manter uma ilusão; fazia frio, e eles tremiam, ora ou outra se encolhendo e assoprando as mãos após as esfregarem uma na outra. Eram ilusionistas, paracósmicos capazes de não apenas invocar criaturas, como transformar fantasias complexas em pequenas porções de verdades temporárias. Mais à frente, os carros dos agentes adultos, que cuidariam dos subornos e ocultações de pistas materiais.

— Relatório prévio, Abrão! — pediu o responsável pela missão, um sujeito alto e de aparência autoritária, algo que o garoto não apreciava nem um pouco.

— Alto nível. Tendências esquizofrênicas. Invocou um personagem literário que trucidou os pais. E ele vai invocar coisa bem pior — respondeu o jovem, mostrando o único livro sem vestígios de vísceras ou sangue.

— *Mitos de Cthulhu*?!

— Nunca leu?

— Deveria?

— Só se tiver neurônios funcionando — provocou o garoto, para logo em seguida explicar, ignorando a careta irritada do agente: — H. P. Lovecraft foi um dos mais poderosos paracósmicos. Ele vislumbrou mundos paralelos, entidades que Deus nem faz questão de lembrar a existência. O horror que há nestas páginas é tão real quanto qualquer um de nós. E você não leu sequer um conto do cara antes de entrar na Agência. Está lá no Volume 47 da *História dos Para*...

— Abrão, seu trabalho é encontrar paracósmicos. O meu é dizer qual deles vive e qual deles morre.

— Certamente. Mas está perdendo uma ótima literatura.

Ele olhou para os quadrigêmeos. Um deles sangrava pela narina; era um líquido escuro, quase negro, denunciando que estavam todos os quatro no limite possível de seus poderes. Normalmente, Abrão teria ignorado o senso mínimo de empatia que os psicólogos da Agência que o adotara queriam que ele preservasse, mas achou melhor ir pelo caminho oposto.

— Leva os moleques para cuidarem da enxaqueca! — pediu, sorrindo e passando o livro para a recruta, que se recuperava das sensações de náusea ainda estampadas em seu rosto. — Maria e eu vamos atrás do pivete. Não deve ser complicado encontrar alguém que tem como amigo imaginário um monstro disforme, cujo único propósito de existência é enlouquecer pessoas e causar carnificinas.

Maria lançou um olhar de clemência para seu superior, mas ele a ignorou, indo até os outros agentes de campo, enquanto digitava algo no *display* do celular. Ela sentiu um calafrio quando, ao desviar os olhos castanhos, encontrou o azul sereno e frio do parceiro de missão. Era como contemplar uma superfície

vazia e gelada, de brilho chamativo e enganador. E sabia a razão daqueles olhos serem assim.

— Ele não vai salvá-la de mim — disse Abrão, sorrindo com uma dose generosa de sadismo. — Gama é tão psicopata quanto eu.

— Eu... eu...

— Não precisa gaguejar. E eu não lhe toquei para saber o que pensa sobre mim. Todos pensam a mesma coisa. Não entendem minha natureza; acham que sou um monstro, um escorpião prestes a ferroar o sapo que me ajudou a atravessar o rio. Não, não sou assim. Apenas não nutro essas idiotices, essas emoções, sabe? Se eu tiver que matar o moleque, eu vou matar, sim, e no segundo seguinte irei almoçar um suculento bife mal passado. É por isso que estou aqui: o pivete *tá* ferrado, pois não tem controle sobre o amigo que ele invocou.

Os dois se dirigiram ao carro que os transportariam para onde deviam ir.

— Mas ele é só uma criança e...

— Na idade dele, eu havia matado metade dos gatos da vizinhança, empalado passarinhos e estripado cães. Com sua idade, torturei e esquartejei meu tio, que violentou minha irmã. Eu o matei porque não queria conviver com a mesma dor que enlouqueceu minha irmã e a fez invocar um Pokémon que a devorou. No dia seguinte, Gama me levou para a Agência, assim como Beta fez com você.

Maria respirou com dificuldade quando as lembranças surgiram; por impulso, agarrou-se ao rapaz, que a segurou nos braços. Por usar luvas de pano e blusa de manga longa, ele não entrou em contato com a pele dela, mas nem precisaria: com o rosto pálido, a adolescente denunciava o horror das noites e madrugadas em que foi abusada pelo pai.

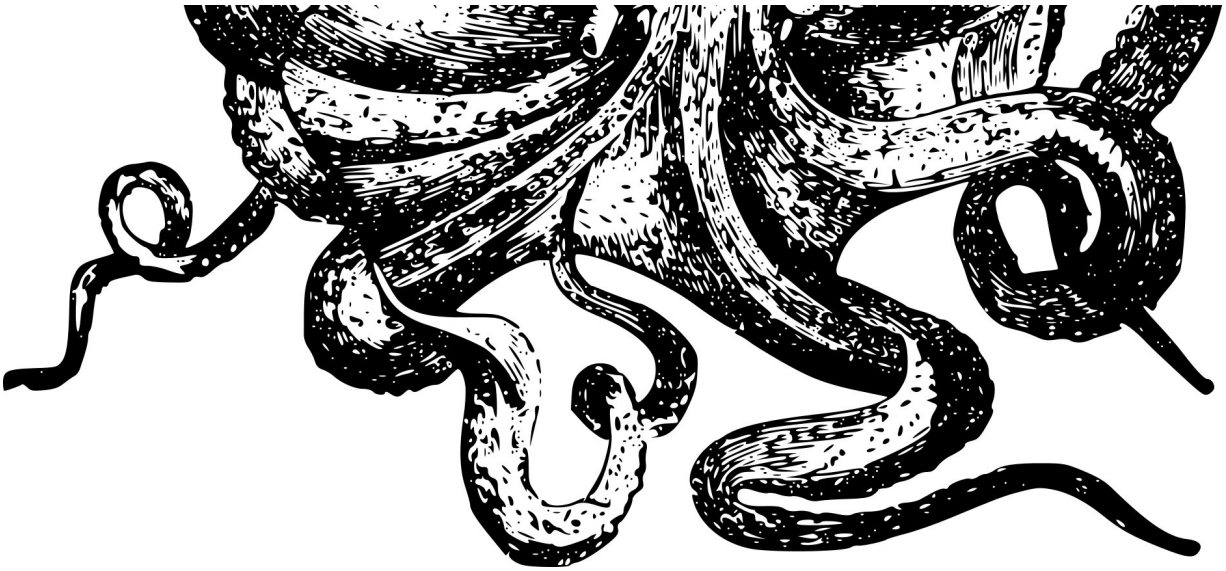
As ruas ainda estavam com movimento mínimo. Com exceção dos agentes de campo e apoio, gatos passeavam pelos muros e telhados, enquanto cães latiam vez ou outra ou apenas transitavam pelas calçadas. Era mais fácil controlar ilusões quando havia poucas pessoas acordadas, embora cansasse do mesmo jeito os ilusionistas, que precisavam detectar indivíduos e induzi-los ao transe coletivo.

— O que você fez com seu pai foi instintivo — disse Abrão, com frieza. — Era você ou ele ali. Não tem culpa. Talvez remorso, mas não culpa. Enfim, não sou o mais indicado para isso. Só aguenta firme, pois temos uma caçada para fazer.

A jovem se afastou, secando rapidamente as lágrimas com a costa da mão livre.

— Vai mesmo matar o menino?

— Só se precisar — respondeu o garoto, antes de entrar no carro —, e quase sempre é preciso.



II

Maria olhava as ruas sob a penumbra, enquanto o parceiro lia silenciosamente um dos contos de Lovecraft. Ainda não sabia para onde iam nem qual criatura o menino tentaria invocar, mas tinha certeza que Abrão o mataria, precisando ou não. Ela não era uma psicopata; não tinha aquela frieza que o outro transbordava até nos mais simples gestos. E suas mãos ainda tinham manchas de sangue, uma marca invisível a olhos comuns, mas visível para qualquer paracósmico que a olhasse, inclusive os que não tinham dons extrassensoriais tão desenvolvidos.

Apenas queria participar o menos possível de tudo aquilo. Ajudaria no que pudesse e deixaria o restante por conta de quem sentia prazer em tirar a vida de uma criança. Não nascera com o instinto assassino; o crime que cometera foi mero acidente, uma fatalidade que pensava em jamais repetir. Nem que sua existência dependesse disso.

— Olha que versos mais lindos, Maria! — pediu o garoto, estendendo o livro e indicando uma página ricamente ilustrada por símbolos feitos com caneta vermelha.

XXI. Nyarlathotep

And at the last from inner Egypt came
The strange dark One to whom the fellahs bowed;
Silent and lean and cryptically proud,
And wrapped in fabrics red as sunset flame.
Throngs pressed around, frantic for his commands,
But leaving, could not tell what they had heard;

While through the nations spread the awestruck word
That wild beasts followed him and licked his hands.
Soon from the sea a noxious birth began;
Forgotten lands with weedy spires of gold;
The ground was cleft, and mad auroras rolled
Down on the quaking citadels of man.
Then, crushing what he chanced to mould in play,
The idiot Chaos blew Earth's dust away.

— É... o poema está em inglês — replicou ela, meio desapontada.

— Não sabe inglês?!

— Não.

— Puta que pariu!

Abrão tomou o livro, folheando-o rapidamente e devolvendo-o para a parceira.

— Olha esta monstruosidade! — pediu, apontando para um desenho de uma estranha criatura. — Chama-se Nyarlathotep, o Caos Rastejante, o Deus de Mil Formas. É um filho da puta barra-pesada o indivíduo, pois caminha entre os homens, corrompendo e enlouquecendo. "E finalmente da terra do Egito veio o Obscuro..." Nyarlathotep é a criatura que o moleque deve tentar invocar.

— Por que acha isso?

— Menina, eu não acho nada. Eu sei. Eu sinto a energia do pivete muito forte neste trecho do poema. É aqui que o amigo imaginário mostrou sua face, revelando-se e iludindo. Ele não tem corpo, pois o criador não consegue potencializar uma forma. E nada mais justo que seja a reencarnação de um deus lovecraftiano, não?

— E como uma criança vai invocar um deus?

— Bem, já assistiu *Hellraiser*, pelo menos?

— Minha mãe nunca deixou...

Maria desviou o olhar, com pesar, ação ignorada pelo parceiro de missão.

— Um amigo imaginário não é real para todos, exceto se ocorrer um fenômeno forte o bastante nas mentes de todos. Sendo assim, se ele quer ser material, como mencionei, pode tentar matar o criador e se apossar dele, vivendo sua vidinha miserável normalmente. Ou pode ousar muito mais: materializar-se por meio de uma matança clássica. Muito sangue, sofrimento, carnificina... dor... são muitas emoções... e isso alimenta a criatura.

— Os pais foram as primeiras vítimas? — deduziu a jovem.

— Exatamente, minha cara. Familiares são um prato cheio, pois possuem uma ligação emocional poderosa. Se um pai ou uma mãe testemunha seu amado

filhinho se mostrando um monstro, imagina a carga paracósmica que é liberada. Um poder adormecido e absorvido pelo amigo imaginário da criança, que escolheu assumir a identidade de Nyarlathotep, uma entidade cultuada por leitores de horror no mundo inteiro. Se ele ganhar alguma forma conhecida, vai se fortalecer do medo, do pavor e do fanatismo, porque há, sim, alguns cultos religiosos para as coisas que Lovecraft vislumbrou em sonhos. E se isso acontecer, o mundo vai ter sérios problemas.

— Você parece se preocupar muito com as pessoas.

— Eu me preocupo com a ordem das coisas. Não quero um maldito deus literário abalando aquilo que deve seguir uma sequência fatalista. Estamos todos ferrados; não precisamos de monstros saídos de livros para nos ajudar. Minha única preocupação é manter as coisas funcionando, sem interferência alienígena.

Abrão olhou para fora, franzindo as sobrancelhas.

— O garoto está por perto.

O motorista parou o carro.

Era um bairro bem modesto, se comparado ao outro, com casas mais simples e ruas esburacadas. O sol começava a surgir, mesclando luz e sombras num efeito quase depressivo. Pela movimentação num ponto mais adiante, algo tinha acontecido minutos antes. Os dois agentes juvenis se aproximaram a pé, fingindo curiosidade casual; sem uma das luvas, Abrão esbarrava em algumas pessoas, captando informações sem fazer questionamentos. Maria já se preparava para fazer uso de seu dom, mas o parceiro meneou a cabeça, avisando que não tinha necessidade.

Pelos fragmentos confusos de memórias e emoções, cinco pessoas de uma mesma família foram esquartejadas e estripadas poucos minutos antes. Um dos vizinhos, a terceira pessoa a ser tocada pelo psicopata, viu uma mulher ser arremessada pela janela e depois puxada de volta para dentro, por uma “mão invisível”, sob gritos e agitação. No interior da casa, sons de coisas sendo quebradas, gritaria e algo mais, como um rosnado de cão raivoso; e logo o telhado começou a vazar sangue, manchando as paredes exteriores.

A garota apoiou-se num poste, sentindo-se tonta diante da visão dos rastros vermelhos escorrendo com abundância pelas paredes antes rebocadas e sujas de poeira. Fechou os olhos, mas uma lembrança a fez abri-los e projetar-se, por segundos ínfimos, muitos quilômetros de distância. Ao retornar, foi agarrada com força pela mão enluvada do rapaz, que a arrastou para um canto mais afastado.

— Nyarlathotep começou a se fortalecer — sussurrou ele. — Um dos xeretas aqui viu um animal, algo do tamanho de um gato, mas parecido com um lagarto, seguir um menino que saiu da casa há pouco. É nosso alvo.

Respirando ainda com dificuldade, Maria fitou o semblante decidido do paracósmico. Queria dizer algo, perguntar qual era o plano, mas estava chocada demais com aquele dia intenso e sangrento.

— Há amigos imaginários infiltrados — continuou o psicopata. — Formam um culto messiânico. Idolatram alguma coisa, algo que nem eles sabem o que é. Chamam-no de Corruptor.

Os olhos azulados se abaixaram, repousando nos seios pequenos da garota, que estava entrando cada vez mais em choque. A mão desnuda roçava de leve a pele clara de Maria, absorvendo lembranças e sensações; foi o bastante para a ação seguinte.

O sobretudo que usava escondia duas coisas: primeiro, a camisa da banda de *death metal* que gostava — Vader —, que sempre usava nas missões mais tensas; e um par de pistolas Glock 17, ambas presas aos coldres adaptados por ele e que ficavam anexados ao cinto. Quando girou o corpo para encarar os primeiros oponentes, segurou a mão da jovem e se livrou rapidamente dos botões da roupa, sacando uma das armas.

Impiedoso, estourou a cabeça do homem mais próximo, que segurava com firmeza uma faca; este caiu para trás, sobre uma mulher que portava uma tábua. Empurrando Maria para um beco, mas sem soltá-la, mirou no alto, abatendo um garoto de dezessete anos que se preparava para descarregar uma metralhadora. Recuando e mantendo o olhar atento, vislumbrava as possibilidades e as anulava, forjando um caminho seguro para ambos.

— Crie algo! — ordenou, quando o décimo sétimo cartucho foi esvaziado. — Crie qualquer merda! Agora!

A garota não estava apta para suportar tanta pressão, porém o instinto de sobrevivência pulsou mais forte. Era o mais primitivo instinto, aquele que a motivava dia após outro: medo. E sua criação foi profundamente influenciada.

Cães enormes, maiores do que novilhos, surgiram entre Abrão e a multidão enlouquecida, rosnando e exibindo dentes alvos e saliva ensanguentada. Possuíam olhos esbranquiçados e fantasmagóricos, como se fossem oriundos do mais sombrio recanto do Universo. A pelagem negra se confundia com as sombras do beco precariamente iluminado e era nítida a fumaça que os pelos liberavam.

Recarregando a pistola, o rapaz aguardou o primeiro movimento para retomar a matança. Sentiu as emoções ruins da parceira gritarem em sua mente, sob formas grotescas e até conhecidas; teria a soltado quando presenciou um estupro, mas dependia da visão do futuro, dos segundos antes de as coisas acontecerem, para sair dali vivo. A psicometria não funcionava sem um hospedeiro, sem um toque revelador, e aquela menina traumatizada fornecia

muitas informações sobre o passado e o futuro.

— São do tal culto ao Corruptor — respondeu ele, ainda com a pergunta sendo formulada pela garota. — Ao que parece, há mais amigos imaginários infiltrados aqui do que imaginei. Estão tentando nos matar, para que não possamos impedir o moleque e Nyarlathotep. E eles sabem sobre a gente porque deixamos escapar energia paracósmica, mesmo quando estamos em repouso... e eles nem são mais metafísicos.

Maria se recuperava quando Abrão a puxou para algum lugar, entrando numa casa onde apenas uma criança estava encolhida num canto, chorando bastante; soltou-a e a empurrou para o lado para poder sacar a segunda pistola e atirar nos inimigos mais próximos da porta. Quando a fechou, ele correu para o menino e o agarrou, absorvendo algumas de suas sensações e recordações, além de vislumbrar o futuro.

— Malditos! — exclamou, largando o menino e apontando a arma em sua testa.

— Ei! — desesperou-se a garota, correndo e ficando entre a pistola e o alvo. — O que está fazendo?

— Crianças, Maria! Crianças e amigos imaginários!

— Mas... matar uma criança?

— É isso que fazemos, caramba! Somos monstros caçando e matando monstros!

O menino aproveitou a discussão dos dois agentes e tentou fugir; não foi muito longe, pois o disparo da Glock 17 atravessou sua garganta. Mal estacou, levando as mãos ao pescoço, o segundo projétil perfurou o coração e o terceiro, a cabeça.

— Se quiser sobreviver ao que estar por vir — avisou Abrão, agarrando o pescoço da parceira de missão com força e a empurrando contra a parede —, recomendo começar a pensar como um monstro também.

Ela tinha os olhos lacrimejados e desejava muito sair dali, nunca mais fazer parte daquele mundo de crueldade sem fim. Mas não havia para onde ir, ninguém que a quisesse por perto. Era um monstro, afinal, ainda que não acreditasse nisso e tampouco percebesse ao se olhar no espelho; mas estava lá a monstruosidade, a deformação que a fazia invocar coisas, criar seres que machucavam e matavam... Não era tão diferente quanto o pai, que a estuprou naquela manhã e que foi morto por cães selvagens, dias depois, ao retornar bêbado e tentar forçar a própria filha a chupar seu pênis.

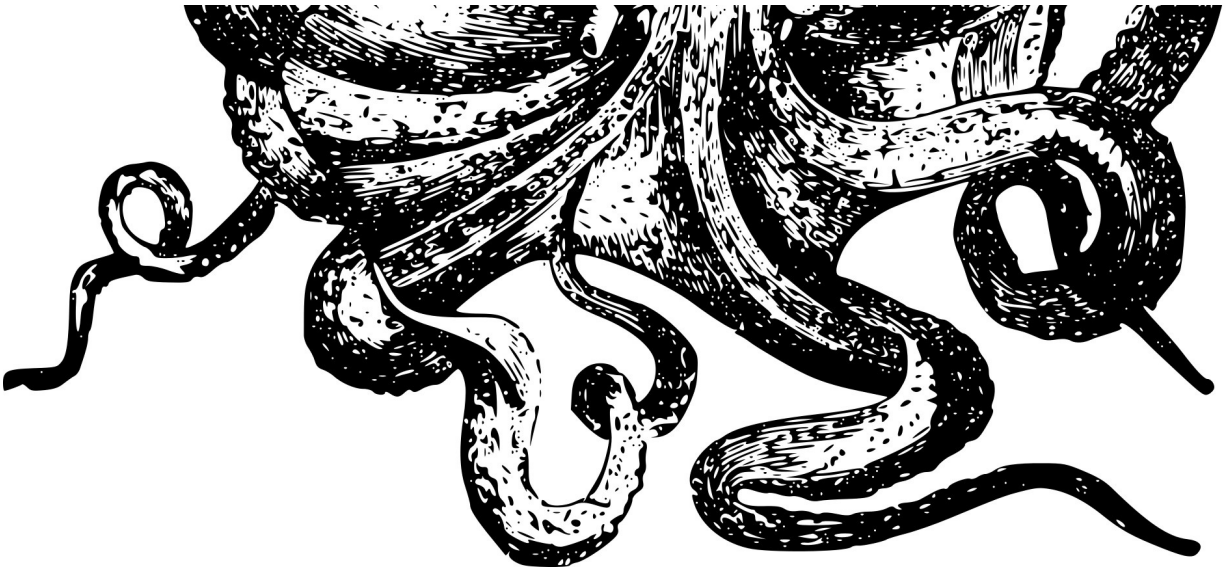
A porta foi arrebentada com uma granada; no impulso, Maria se protegeu criando um escudo grande o suficiente para não se ferir com os destroços. O psicopata aproveitou a proteção obtida e atirou quase a esmo, contra quem

adentrava a casa, derrubando alguns adultos, adolescentes e amigos imaginários.

Quando os inimigos pararam de aparecer, os dois paracósmicos se olharam por dois segundos; a garota ainda estava abalada com tudo aquilo, perdida em sua primeira missão, e o rapaz impaciente em ter que cuidar de alguém tão emocional.

— Projete-se para fora! — pediu Abrão, desviando o olhar e recarregando uma das armas. — Tente encontrar o “Lovecraft mirim”! Acha que consegue? — fez a pergunta com desdém, na intenção de provocá-la.

Maria se concentrou, fechando os olhos e fazendo o escudo desaparecer; havia visto uma fotografia da criança entre os objetos ensanguentados na sala da casa e focou nisso para iniciar a projeção astral. Era o dom principal dela, assim como o de Abrão era a psicometria e de muitos outros era criar ilusões ou vislumbrar realidades paralelas e alternativas. Ao se sentir preparada para a tarefa, desmaiou.



III

A primeira vez que a projeção astral ocorreu foi quando ela quase se afogou; com o susto, sentiu o corpo muito leve, flutuando na água, e ouviu os gritos desesperados da mãe e do padrasto, que vieram socorrê-la. Não durou mais do que dez segundos, porém permitiu vislumbrar tanto o próprio resgate quanto algo mais, sombras esgueirando em volta, encarando-a com olhos esbranquiçados; nunca soube o que eram ou o que queriam. E talvez nem quisesse saber; aquelas coisas assustavam só de serem lembradas.

Semanas depois, ao ser abusada pelo pai, um alcoólatra que vivia prometendo parar de beber, não sentiu muito os toques asquerosos, mas testemunhou, horrorizada, seu corpo frágil ser violado por aquele que deveria garantir sua segurança; doeu apenas ao retornar, quando o homem já estava adormecido no sofá, babando e com a calça no meio das pernas. Vomitou muito naquele dia, chorando de dor e agonia; queria a mãe, mas ela foi culpada por descuidar da filha, que quase se afogou, e assim o pai acabou ficando responsável por cuidar dela por um tempo.

Quando criou os cães que mataram o pai, também saiu do corpo e foi para muito longe, para um campo de grama alta; e teria ficado por lá, se uma atração forte não a puxasse de volta.

Os dias seguintes foram confusos, cheios de olhares de horror lançados para ela, cochichos e pessoas se benzendo quando a viam. A polícia se envolveu, a imprensa parecia interessada na história da menina que foi salva de maneira milagrosa de um terrível ataque de cães selvagens... As coisas não faziam sentido para alguns, mas tudo foi se encaixando e se ajeitando que, em pouco tempo, ninguém mais comentava o caso.

Foi quando ela conheceu Gama, que lhe contou sobre uma organização secreta que recrutava crianças e adolescentes especiais, ensinando-os sobre seus dons. Ele explicou que pessoas como ela, nascidas com poderes de criar e destruir, eram conhecidas como paracósmicos, e precisavam ser preparadas para não cair em um abismo de dor, medo, culpa e solidão. Perguntou se ela tinha algum amigo imaginário, se ainda mantinha contato com ele, e quais habilidades extraordinárias possuía. Sem amigos, nem mesmo imaginários, a garota respondeu que conseguia sair do corpo e criar coisas que machucavam as pessoas e nunca mais pretendia repetir nem um nem outro.

E assim ela se tornou Maria, uma das muitas estudantes de um instituto científico que catalogava cada novo paracósmico; psicólogos e psiquiatras a ajudaram bloquear as lembranças ruins, o que a fez parar de criar monstros que feriam enfermeiros e os soldados que vinham segurá-la durante uma paralisia do sono; treinadores especializados em artes marciais e esportes físicos contribuíram para uma boa performance em esgrima, corridas, salto e natação; e teve professores de algumas matérias úteis no currículo fundamental de um agente de campo.

Após ler e reler os documentos sobre missões e registros de outros paracósmicos, foi designada para a tarefa ao lado de Abrão, cuja ficha era uma das mais volumosas, tanto com atos cometidos antes de ser recrutado quanto depois, sendo um dos agentes mais ativos e violentos, chamado sobretudo em situações de alto risco. Ao contrário dela, ele não tinha o menor remorso ou medo, e cada missão que aceitava e executava era encarada como a última.

Nos primeiros segundos de projeção, ignorando o que tinha que fazer, a garota contemplou o garoto. Havia uma aura sombria ao redor dele, algo tão denso que era quase como uma segunda pele. Pensou em tocá-la, mas recuou, receando alguma reação que desconhecesse; nunca havia interagido com nada durante as projeções monitoradas, e não tinha certeza o que um toque metafísico poderia causar em alguém como ele.

Deixando de lado a curiosidade, pois o tempo era limitado, flutuou sobre os corpos possuídos pelos amigos imaginários. No plano de existência em que estava, conseguia perceber uma estrutura rachada no que deveria ser a aura, expondo parte da alma que toda criatura — física ou metafísica — tinha para, no mínimo, existir. E eram almas horrendas as deles, em nada lembrando algo puro. Ao possuírem corpos humanos, independente da maneira que aconteciam, condenavam-se a uma vida corrompida, perdendo a dignidade que um amigo imaginário tinha e jogando ao Limbo a alma.

O rastro paracósmico deixado pelo menino era forte, uma energia que Maria nunca presenciou nos treinamentos com diferentes graus de poder. E havia

fragmentos da existência de Nyarlathotep — ou da criatura que queria ser Nyarlathotep. Ela só precisava localizá-los e descobrir para onde iam; voltaria ao corpo físico e diria para Abrão.

Seguiu a trilha rapidamente. Os dois alvos não foram muito longe; estavam entrando numa igreja, acompanhados por alguns seguidores do culto ao Corruptor, que traziam sob facas e pistolas algumas pessoas para serem oferecidas ao ritual de invocação. Desceu para ter uma visão melhor do que acontecia, vislumbrando contornos disformes se movendo ao redor do templo religioso, fundindo-se e entoando cânticos num idioma que soava profano.

Ouviu os primeiros gritos de horror, seguidos por exclamações de louvor de quem ajudava Nyarlathotep a vir ao mundo físico. Ia retornar para avisar o parceiro quando sentiu algo a puxar com força para baixo. Se tivesse um corpo, teria fraturado ossos; mas apenas caiu no meio das abominações que cantavam e se uniam umas às outras, conforme os gritos horrorizados continuavam e o deus lovecraftiano se fortalecia.

“Vem pro papai, querida!”

“Papai ama muito você.”

“Você vai chupar sim!”

As lembranças sonoras do estupro ecoaram em meio aos cânticos. A alma foi invadida por dores que pensou não ser capaz de sentir enquanto estivesse projetada. Dores que pensou numa mais sentir outra vez. Maria se ajoelhou, curvando-se e tentando, em desespero, afastar as sensações e retomar o controle sobre a mente. Sabia que nada daquilo era real, era fruto de uma ilusão que se tornava mais forte quando inconsciente. Ergueu os olhos lacrimejados e viu a criança a encarando.

— Por que você quer me matar? — perguntou o menino, com seriedade.

— Eu... eu... não quero matá-lo...

A ilusão era tão intensa que até o raciocínio falhava. A dor de ser novamente violada.

— Por favor... ainda dá tempo... só...

Ela abaixou a cabeça, tocando a testa no chão.

— Nyarlathotep é meu amigo — disse o menino, indiferente ao estrago que fazia na mente de Maria —, e ele vai cuidar de mim.

A paracósmica tentou uma ação, mas foi agarrada pela massa disforme e de cores diversas que rodeava a igreja. A pressão em volta da alma neutralizou a ilusão; ainda sentia dor, ainda se sentia tocada por aquelas mãos ásperas, a intimidade exposta e violada...

— Não! — gritou ela. — Eu não vou deixar que isso se repita! Nunca mais!

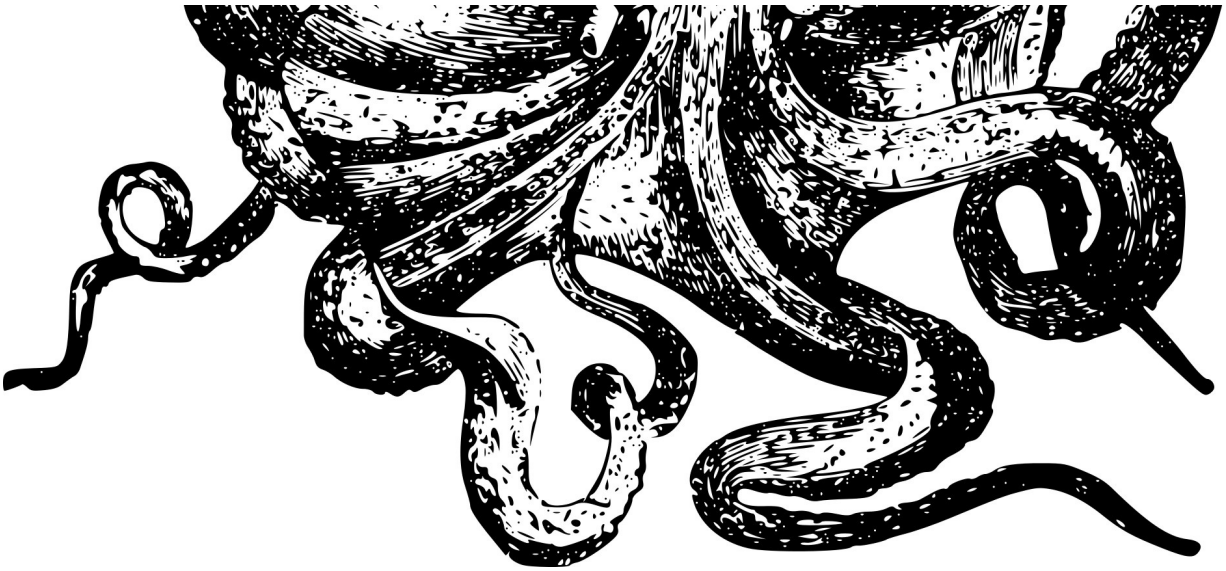
Criou uma faca e começou a rasgar a massa grotesca que a sufocava.

Movia-se com dificuldade, mas notava o progresso lentamente. Só precisava de uma brecha para poder criar alguma coisa mais útil, uma fera que a libertaria de vez de um destino cruel. Voltaria para junto de Abrão e o guiaria até ali, onde ajudaria a impedir que mais uma aberração nascesse e engolisse o mundo.

Mal emergiu, sentiu uma pontada no peito.

Um forte clarão e despertou, com o psicopata debruçado sobre seu corpo, enquanto a ponta de uma faca perfurava a carne de seu seio esquerdo. Quando a viu saindo do transe, ele esboçou um sorriso de alívio.

— Ainda bem que você não morreu — falou, retirando a lâmina de seu peito. — Gama me mataria se eu perdesse outro recruta este mês.



IV

Enquanto iam apressados para a igreja, Abrão informava à Agência sobre a necessidade de reforços, pois havia um culto religioso de amigos imaginários e forças desconhecidas ajudando o paracósmico e Nyarlathotep.

— Eu não sei que caralho são, porra! — irritou-se o psicopata. — Você sabe que o plano metafísico é mutável. Todo dia surge alguma desgraça nova. Não tem como eu saber algo que Lovecraft nunca deu informações precisas.

Maria ainda estava abalada, porém aos poucos assumia o controle sobre a mente, de acordo com as terapias que teve nos anos em que se preparou para se tornar agente. Não fazia muito tempo que estava na Agência: três ou quatro anos. Havia chegado lá com quase dez, talvez onze — nem se lembrava direito quantos anos tinha, na verdade. Uma paracósmico tinha data de validade: aos dezoito, os poderes iriam se dissipando até que não restasse mais nada. A maioria costumava se desligar daquele mundo de impossibilidades, sob identidades novas, uma história criada e sustentada pelo resto da vida; outros, contudo, continuavam em outras funções.

Olhou para o parceiro de missão. Ele devia ter entre dezesseis e dezessete anos; logo deixaria de manifestar os dons, de criar coisas, de prever o futuro ou conhecer o passado dos objetos que tocava. Aceitaria bem a condição de psicopata comum? Tornar-se-ia só mais um entre uma multidão de milhões?

— Gama não vai conseguir chegar a tempo — informou Abrão, após desligar o celular. — O filho da puta se tornou um burocrata imbecil. E pensar que eu admirava o trabalho de agente de campo dele...

— Eu... eu não agradeci por você ter... — gaguejou a paracósmica.

— Não agradeça! Só fiz minha obrigação como seu tutor. E cada vez que

um de vocês morre é uma porra chata preencher aquela papelada e ouvir sermão.

Maria desviou o olhar, passando a mão no ferimento causado pela faca. Havia parado de sangrar; ficaria uma cicatriz pouco discreta, o que talvez a impediria de usar decote.

— Acha que consegue fazer o que precisa ser feito? — perguntou Abrão, encarando-a com seriedade.

— Eu não sei... — respondeu a garota, recordando-se da tortura mental que foi submetida minutos atrás.

Não sentia mais dores pelo corpo, contudo a repulsa era tão forte quanto no dia que fora abusada. Apenas um monstro seria capaz de usar algo assim contra um ser humano. E muitos monstros tinham a aparência de homens, mulheres e crianças.

— Precisarei de sua ajuda para acabar com os seguidores do culto — disse ele, sacando uma pistola e entregando para Maria. — Eu cuido do menino. O amigo imaginário dele a gente improvisa quando soubermos em que estado da invocação ele está.

A igreja era menor do que a vista durante a projeção, um detalhe comum na maioria das viagens astrais, pois o plano de existência em que a alma ia era conhecida como intermediária e as coisas não seguiam leis físicas e espaciais tão bem quanto no plano físico ou metafísico. As árvores e casas de dois andares ao redor do templo criavam sombras grotescas, várias delas semelhantes aos seres espectrais que quase mataram a jovem.

Era uma rua habitada por amigos imaginários que possuíram corpos — e quase todos jaziam quadras atrás, numa confusão que daria uma tremenda dor de cabeça aos agentes ilusionistas e intensa movimentação financeira da Agência para calar os problemas e desviar a mídia da verdade. Não havia humanos comuns por ali, o que permitiria aos dois adolescentes o uso mais amplo de seus dons de materialização.

Maria olhou para as sombras, temendo que elas a atacassem e a engolissem outra vez, contudo não eram os mesmos monstros fantasmagóricos que habitavam o plano astral. A única ameaça era real e condensada no corpo de uma criança capaz de despertar os traumas mais obscuros da mente, se fosse preciso. Imaginar que poderia ser ela a neutralizar a ameaça que o menino representava a fez estremecer.

— Vou precisar tocá-la para prever os movimentos — avisou o psicopata, retirando as luvas e as guardando nos bolsos da calça. — Tente não pensar em coisas ruins, para não bagunçar a psicometria, certo?

A paracósmica assentiu, encarando o parceiro de missão. Ao contrário da garota, Abrão não demonstrava medo ou hesitação. Alguém como ele não temia

a morte; dava para sentir só de olhar a frieza de sua voz.

— Pode criar o que quiser também! — continuou ele, acabando de checar a pistola. — E atirar sem medo, é claro. Apenas não vislumbre lembranças e hipóteses. Imagens confusas não me darão caminhos seguros até o melhor futuro para nós.

Maria assentiu novamente.

— Pronta?

— Sim, estou.

Ela não estava, mas não havia mais tempo.

O cântico no interior da igreja estava alto, mesclado ao som de uma besta que despertava. A frase que se repetia era de um idioma estranho, nada semelhante ao que Maria tinha aprendido em suas leituras complementares.

— “Ph'nglui mglw'nafh Cthulhu R'lyeh wgah'nagl fhtagn” — disse o paracósmico, tocando-a de leve. — Segundo Lovecraft, significa “Em sua casa em R'lyeh, Cthulhu morto espera sonhando”. É a frase que todo culto lovecraftiano adora usar. Agora, por favor, concentre-se no que viemos fazer aqui!

A mente da garota estava confusa, porém ele conseguiu encontrar pontos seguros para se apoiar. Estranhou algumas formas peculiares se movimentando entre as lacunas; pareciam animais esgueirando nas sombras, receosos de início, mas não tanto para se distanciarem de sua presença.

— Não sou um intruso — disse Abrão, num sussurro.

— Mas eu não...

O cântico no interior da igreja se tornou mais alto, vozes inumanas, oriundas dos corpos possuídos pelos amigos imaginários, e urros que não pertenciam a nada que os dois paracósmicos estavam acostumados a lidar ou que constava nos registros da Agência. O solo estremeceu brevemente, o vento parou de soprar e o tempo pareceu se congelar diante do surgimento de alguma coisa profana.

— É ele — falou o paracósmico, erguendo os olhos para o céu matinal.

Ele engoliu em seco. As visões que anteviam as possibilidades de futuro estavam confusas, mescladas a gritarias de horror, tentáculos se arrastando pelas ruas, partes de uma criatura disforme ou de várias formas simultaneamente. Nas lacunas mentais de Maria, os seres que antes se esgueiravam pelas sombras pareciam agressivas, dispostas a proteger o...

— Mestre?! — assombrou-se o psicopata, afastando-se de Maria e apontando a arma para ela.

A paracósmica o encarou.

— Há coisas em sua mente — disse ele, recuperando a postura fria que

costuma ter. — Aquelas coisas que a atacaram.

— Mas... como?!

— Eu não posso deixar você se unir a ele, Maria. Não posso comprometer a missão.

Os olhos de Maria lacrimejaram. Ela sabia que o instrutor não era de pesar emoções no cumprimento de suas missões. Se havia algo habitando seu inconsciente, uma força que provocaria um caos ao seu redor, não havia tratamento psiquiátrico para ajudá-la e nem determinação própria que manteria aquilo adormecido.

— Só me deixe ajudá-lo a vencer Nyarlathotep! — suplicou, engolindo o desespero que a sufocava. — Por favor! Quero fazer algo bom ao menos uma vez...

Abrão olhou rapidamente para a igreja. Sabia que estava perdendo toda a vantagem que o plano inicial tinha. Nyarlathotep se fortalecia e assumia uma forma na invocação; ainda usaria a criança por algum tempo, mas agora não era tão dependente dele quanto no começo daquele dia terrível.

— Ao primeiro sinal de ameaça, eu a mato sem pestanejar — disse ele, por fim, sem abaixar a arma ainda.

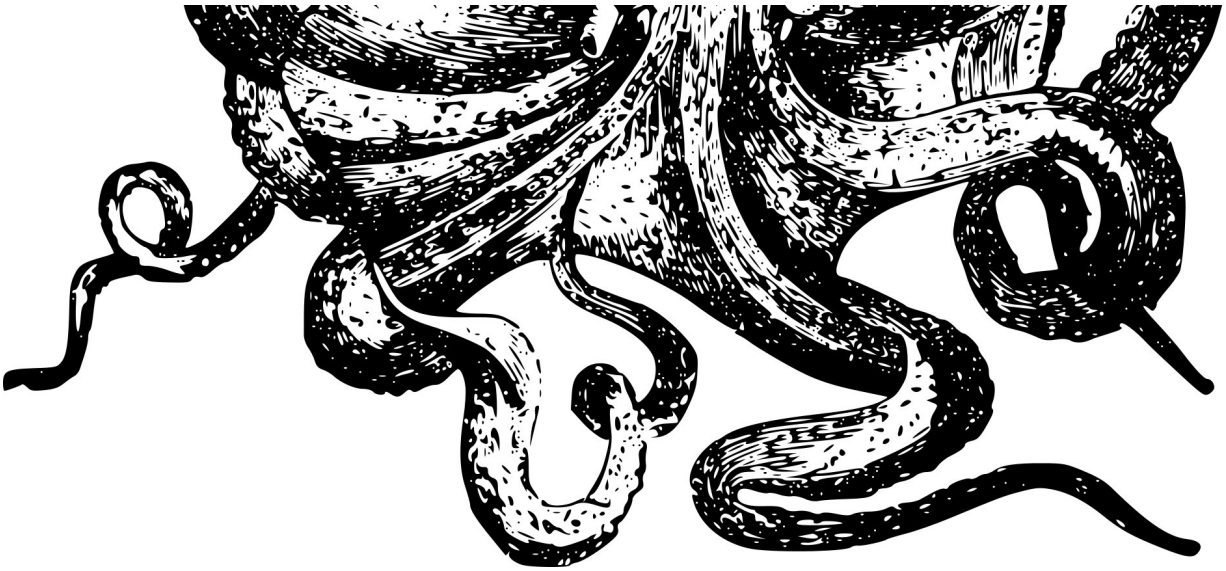
Maria não pôde agradecer a aparente gentileza.

O templo desmoronou, espalhando poeira para todos os lados. O céu estava coberto de nuvens negras, que mesclavam a um vermelho tão vivo quanto sangue, bem diferente do anil da Terra. Nyarlathotep distorcia o espaço-tempo, rasgando a realidade para se tornar físico. O cântico havia cessado, e todo o som escutado era o de enormes blocos de cimento sendo pisados por patas e o rastejar dos que agonizavam, tentando fugir do monstro que emergia do abismo.

O paracósmico cogitou tocar na companheira de missão, porém deteve o movimento quase involuntário ao se recordar que as coisas que ocupavam a mente dela poderiam criar ilusões para confundi-lo. Sem alternativa e cego quanto ao futuro, restava apenas fazer uso da habilidade comum a todos os jovens iguais a ele: criar para destruir.

Maria prendeu a respiração, concentrando-se numa projeção astral. Se fosse seu destino morrer, morreria lutando por uma causa que valia a pena. Olhou brevemente para o companheiro de missão, que estava encarando a coisa que se movia e saía a passos lentos da nuvem de poeira.

Era um caminho sem volta.



V

Abrão não teve como impedir a queda de Maria, cujo corpo inanimado tombou com estrondo. Notou um filete de sangue escorrer da testa da garota.

— A idiota entrou em transe — disse para si, antes de voltar a atenção para a criatura que emergia da mistura de poeira e fumaça.

Era Nyarlathotep — ou algo que se denominava Nyarlathotep —, que assumira a forma de enorme lagarto de sete patas, três no lado esquerdo, quatro no lado direito. De seu corpo robusto, olhos se moviam de um lado a outro, vislumbrando formas, identificando perigos e evitando surpresas. Uma língua imensa sibilava, ecoando versos profanos no mesmo idioma antes ouvido em cânticos. Ainda que parecesse um lagarto, a pele lembrava algo entre peixe e anfíbio, cujas mucosas pareciam sangrar — e o sangue contornava os milhares de olhos medonhos. As onze caudas se movimentavam e esticavam como tentáculos, espalhando-se pelas ruas adjacentes.

O paracósmico respirou fundo, desviando o olhar. Recordou-se das leituras de histórias lovecraftianas; contemplar o horror que emanava de presenças cósmicas trazia loucuras permanentes. E ele não queria o mesmo destino da recruta, que jazia próxima a seus pés, perdida num limbo cheio de aberrações inumanas e famintas.

— Nyarlathotep ou não, você não é um deus neste mundo — falou, fechando os olhos e deixando a imaginação fluir.

Um dragão de duas cabeças surgiu no instante seguinte. Era um pouco maior do que o lagarto e humanoide. As asas bateram brevemente, dissipando a poeira e revelando os cadáveres esmagados e a criança sentada sobre um bloco do que antes era a parede da igreja. Trajava uma armadura dourada, em contraste

com as escamas negras; nas cabeças, elmos cheios de chifres protegiam seus crânios, deixando apenas olhos azuis expostos. Ereto, segurava uma espada pesada, que logo desferiu um golpe contra os tentáculos que tentaram agarrá-lo.

Nyarlathotep vociferou e rasgou o asfalto com algumas garras, contudo não intimidou o adversário, que baforou com ambas as bocarras contra ele. Sem chances de se defender, a criatura lovecraftiana teve dezenas de olhos atingidos e explodidos por causa do calor. Se estivesse de olhos abertos, o psicopata teria percebido uma das caudas tentaculares envolver o menino e afastá-lo das labaredas.

Cessando as chamas, o dragão bicéfalo avançou contra a monstruosidade, que não recuou e investiu num ataque furioso. Apoiando a cauda reptiliana, o guerreiro dragontino não tombou com o impacto e conseguiu decepar duas patas da besta. O sangue que saía dos ferimentos era como ácido, e a armadura da criação de Abrão foi corroída com facilidade, expondo partes das escamas enegrecidas.

O paracósmico se concentrou, já sentindo a cabeça latejar. Embora fosse apto a invocar objetos grandes e controlá-los, não estava acostumado a mantê-los por tanto tempo em combate. Precisava vencer a entidade ou acabaria excedendo sua capacidade e entrando em coma por causa do desgaste mental.

Impulsionado pelo desejo de sobrevivência de seu criador, o dragão guerreiro cravou a lâmina no chão e segurou a cabeça disforme do lagarto monstruoso e baforou. A pele mucosa de Nyarlathotep derreteu entre os dedos enluvados do oponente, cujo ácido sanguíneo corroía metal, escamas, carne e ossos sem distinção. Rapidamente, com a mão parcialmente destruída, a criação paracósmica pegou a espada e desferiu alguns golpes conta os tentáculos e patas que tentavam libertar o monstro do calor excessivo.

Abrão caiu de joelhos, as narinas sangrando. A dor de cabeça estava impossível de ser suportada. A concentração desaparecia. E a criatura bicéfala começava a ficar inconsistente, permitindo ao adversário envolvê-lo com as caudas e esmagá-lo.

— Agora é minha vez — disse a voz de Maria.

Instintivamente, o paracósmico abriu os olhos. Sua criação perdeu a consistência e desapareceu, fazendo os tentáculos de Nyarlathotep darem um nó no vazio. A jovem estava com o rosto coberto de sangue, mas parecia diferente. Convicção.

O que ela havia feito ou encontrado quando entrou em transe?

Ignorando a ameaça, a paracósmica se agachou e tocou o rosto do tutor. Imagens confusas invadiram a mente enfraquecida pelo desgaste. Cães negros atacavam as formas medonhas nas lacunas, rasgando-as e as devorando; Maria

flutuava por algo nem líquido e nem gasoso, num cenário de puro caos. Aos poucos, conforme Abrão conseguiu se concentrar, pôde formar uma sequência lógica do que tudo aquilo significava.

A garota passou entre as caudas tentaculares de Nyarlathotep, atravessou a poeira e chegou até a criança, que a encarou com assombro. Havia medo e hesitação em ambos os olhares. Mas a jovem foi mais determinada; invadindo a mente do menino, de uma maneira que o psicopata não pôde explicar, ela transferiu todos os horrores para ele. A mente do pequeno não suportou tanta dor, sofrimento, angústia, desespero, medo, raiva e lembranças que atormentavam Maria desde que fora abusada pela primeira vez.

Abrão também não suportou muito bem e tentou se afastar, porém foi abraçado. Ainda não havia acabado de vislumbrar tudo o que precisava.

O ritual de invocação não estava completo. Nyarlathotep distorceu parcialmente a realidade, engolindo tudo que estivesse mais próximo; sacrificou as existências dos servos, mas não foi o bastante. Assumiu a forma do lagarto monstruoso e se alimentava da energia paracósmica alheia, para aumentar seu poder. Portanto, ainda era dependente da criança que o criou.

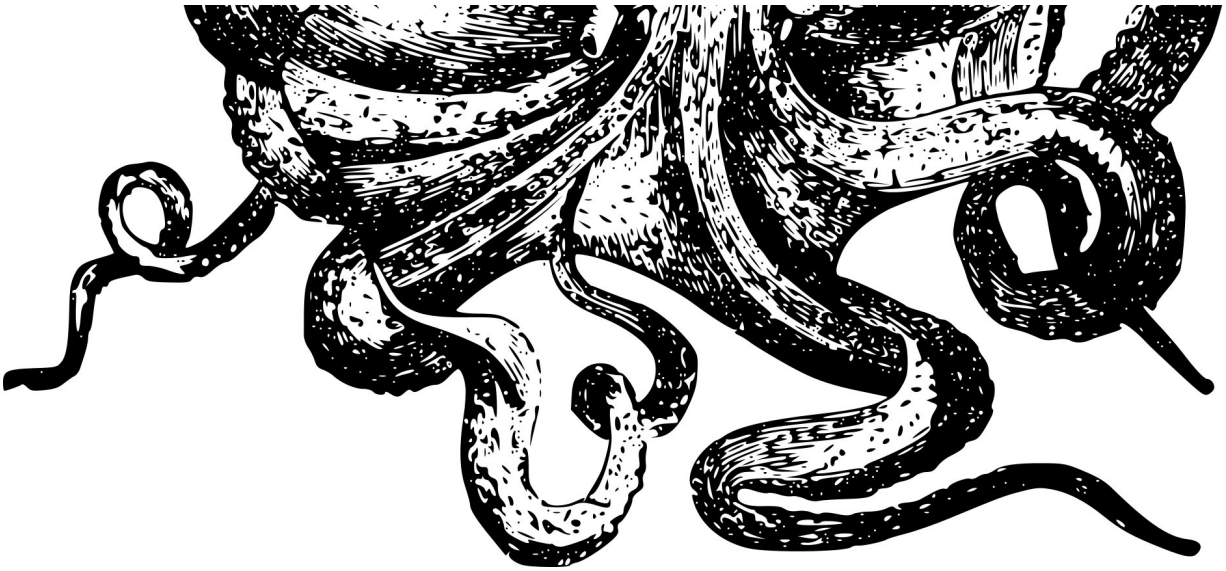
Sem olhar a entidade monstruosa que vociferava e se debatia enquanto a pele se soltava do corpo, caindo no chão em porções gosmentas e generosas, o paracósmico encarou a recruta.

— A mente cria e a mente destrói — disse Maria, com um sorriso meio tristonho.

Ele assentiu e a abraçou.

As cenas das violências sofridas, os acontecimentos que despertaram seus poderes paracósmicos se misturaram. Não havia espaço para Nyarlathotep, que continuava derretendo e se contorcendo. Os olhos estouravam, a pele se desmanchava, o sangue ácido se espalhava e corroía tudo ao redor. Ele estava perdendo a consistência. Não havia mais hospedeiro; e os dois jovens não mais o alimentavam com energia, ignorando-o completamente e se fechando em recordações que possuíam sua própria capacidade de enlouquecer.

Aos poucos, Abrão e Maria foram perdendo a consciência, indiferentes se saíram vivos ou não daquele inferno cósmico.



VI

— Acorde! — gritou a voz de Gama.

Abrão acordou primeiro. As têmporas latejavam. O cheiro de podridão era tão forte que queimava as narinas. Vislumbrou destroços e pedaços de um animal em avançado estado de decomposição por todos os lados.

— O que vocês fizeram aqui? — perguntou o agente, mantendo o nariz tapado com um pano.

— Maria... onde ela está?

Gama ficou sério, encarando o garoto.

— Onde ela está?

Irritado, Abrão quase criou algo, porém a cabeça estava pressionada por uma força invisível. Provavelmente seria um incômodo de dias, os quais passariam em repouso na clínica da Agência.

— Em coma — respondeu o homem, apontando para uma ambulância afastada de tanta destruição. — Por isso quero saber o que aconteceu aqui.

O psicopata não era de nutrir sentimentos, mas o ato de autossacrifício da garota o comoveu profundamente. Não demorou muito olhando os paramédicos conduzirem o corpo inanimado deitado na maca para dentro do veículo. Desviou a atenção para os céus; anil, como sempre deveria ser.

— E o garoto? — perguntou.

— Morto. Uma morte limpa, rápida e indolor.

— Foi ela, a Maria. Ela quem o matou. E me salvou da loucura. Por isso está em coma — disse o paracósmico, ajeitando-se sobre os escombros. — Ela quem venceu Nyarlathotep no próprio jogo de loucura criado por ele.

Por fim, riu.

“A mente cria e a mente destrói”, pensou.

Ao longe, uma ratazana se escondia numa fenda na parede de uma velha casa.

Conheça a obra do autor em:

http://alecsilva-escritor.blogspot.com.br/